



GRÉMIO LITERÁRIO



EDIÇÃO ESPECIAL TRÊS

MENSAGEM DO PRESIDENTE

José-Augusto França é um nome maior da História da Arte, sociólogo, crítico de arte mas, também, ligado à história do Grémio Literário.

Presidente Emérito do Conselho Literário, muito contribuiu para a dinamização cultural do nosso Clube.

Um Prémio Literário eleva o nome do prémio, para além de premiar os autores. O Prémio Literário Grémio Literário, único pelas suas características e de grande prestígio no panorama literário do país, foi obra sua.

Homem superior, sempre atento ao que de melhor se fazia na arte além fronteiras, promoveu a sua divulgação e implementação no meio artístico e no ensino sendo hoje uma referência na História da Arte em Portugal.

O Grémio Literário foi a sua Casa por excelência, dedicando-lhe muito do seu tempo, cabendo agora, à nossa Instituição, recordar a sua obra.

A Professora Doutora Teresa Pinto Coelho, Professora Catedrática, Coordenadora do Doutoramento em Literaturas e Culturas Modernas, Investigadora do IHC, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e membro do nosso Conselho Literário recorda-o, para que nas suas palavras, a trajectória de José-Augusto França seja uma visita, uma celebração e uma memória do Homem do conhecimento histórico, literário e artístico.

António Pinto Marques

HISTORIADOR E ROMANCISTA: JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA E O GRÉMIO LITERÁRIO

POR
TERESA PINTO COELHO

*Professora Catedrática • Coordenadora do Doutoramento
em Literaturas e Culturas Modernas • Investigadora do IHC
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa*

Não sendo historiadora nem historiadora de arte, só consultei um livro do Professor José-Augusto França no início dos anos 80, quando trabalhava para a minha tese de mestrado sobre imagens de Lisboa em relatos de viajantes ingleses em Portugal. Li então o seu estudo seminal *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, tradução da tese de doutoramento que defendera na Sorbonne em 1962. Curiosamente, seria a partir desta obra que iria decifrar uma outra fabulosa cidade

[continua na página 2]

iluminista onde frequentei um curso de verão de língua alemã – Mannheim.

Quanto a José-Augusto França, apenas o conheceria muitos anos mais tarde, no Grémio Literário. E é deste José-Augusto França, o do Grémio, que me ocuparei aqui. Não que seja diferente do reputado historiador de arte, director da *Colóquio/Artes*, do Centro Cultural Português em Paris, ou fundador do primeiro curso de Mestrado em História de Arte e Professor Cate-drático da Universidade Nova, a sua e minha casa. Pelo contrário, a sua vivência no Grémio, desde 1967, intersecciona-se com um longo percurso académico-científico e também literário, numa confluência de temas e preocupações que, perseguidos ao longo da vida, vão encontrar eco tanto nos seus escritos como na longa e continuada actividade desenvolvida no Grémio.

E, de imediato, pensamos no livro *O Grémio Literário e a sua História*, publicado em 2005, no qual traça a vida da instituição desde as origens, criada que foi por carta régia de D. Maria II em 18 de Abril de 1846, até ao início do século XXI. Ficamos, desde logo, a saber que se instalou inicialmente, por poucos meses, na Rua do Ouro e depois na Duque de Bragança, em seguida na Rua Nova do Carmo (entre 1847 e 1854) e na Travessa da Parreirinha (actualmente Rua Capelo), até se mudar para o palácio do Conde de Farrobo, na Rua do Alecrim (hoje Palácio Chiado), onde permaneceu durante seis anos. Passaria em 1875 para o palacete Loures, na então Rua de São Francisco, em plena Lisboa romântica, uma Lisboa muito estudada por José-Augusto França. Cidade também dos romances e outros escritos queirosianos, como fizera notar em *O Romantismo em Portugal*, versão portuguesa da outra tese de doutoramento que defendeu na Sorbonne em 1969, onde o Grémio Literário é já referido, assim como algumas das suas associações a Eça.



É no historial do Grémio que ficamos a conhecer os primórdios da contribuição de José-Augusto França para o relançamento da instituição nos anos 60, sendo de realçar a entrada para o Conselho Literário em 1969 (viria a ser eleito Presidente do mesmo em 1996) e, no ano seguinte, a fundação do Centro de Estudos do Século XIX, por proposta sua, com Joel Serrão, José Manuel Tengarrinha e Vitorino Nemésio como presidente. O Centro tinha o objectivo de promover ciclos de conferências e um colóquio anual. Foram realizados cinco colóquios entre 1970 e 74, nos quais apresentou comunicações sobre várias das temáticas que havia estudado para *O Romantismo em Portugal*, galardoado em 1969 com o Prémio Grémio Literário instituído precisamente nesse ano. Em 1974, seria publicado um volume com os textos do primeiro encontro, decorrido entre 14 e 17 de Maio de 1970.

Tornar-se-ia extenso traçar o percurso de José-Augusto França no Grémio, percurso que, aliás, não tem sido objecto de estudo. Durante meio século, com a sua incansável energia e vastidão de interesses, foi responsável por numerosas iniciativas empenhando-se em trazer ao Grémio figuras do mundo literário, cultural, artístico. Registe-se, mais recentemente, a Sessão Comemorativa do Nascimento de Eça de Queirós em

25 de Novembro de 2013 evocativa dos 110 anos da inauguração da escultura de Teixeira Lopes. Foram, então mostradas raras imagens do acontecimento comentadas pelo próprio organizador, tendo o actor Sinde Filipe recriado a oração de Ramalho Ortigão proferida na cerimónia.

Na Sessão Comemorativa do ano seguinte, levaria ao Grémio João Botelho para comentar passagens da sua adaptação cinematográfica de *Os Maias*, que incluíam a cena do célebre jantar do Hotel Central, situado no século XIX no Cais do Sodré e filmado por Botelho no Grémio. Na celebração estiveram também presentes: Maria João Pinto (Condessa de Gouvarinho), Jorge Vaz de Carvalho (narrador), João Queirós (pintor); Luísa Gago (desenhos técnicos dos cenários) e Alexandre Oliveira (produtor).

Em 16 de Novembro de 2012, por ocasião do seu nonagésimo aniversário, o Grémio havia-lhe prestado merecida homenagem, momento em



que José de Guimarães lhe ofereceria um retrato que se encontra exposto na sala VIP. Ao jantar teria a honra da presença do Doutor Mário Soares.



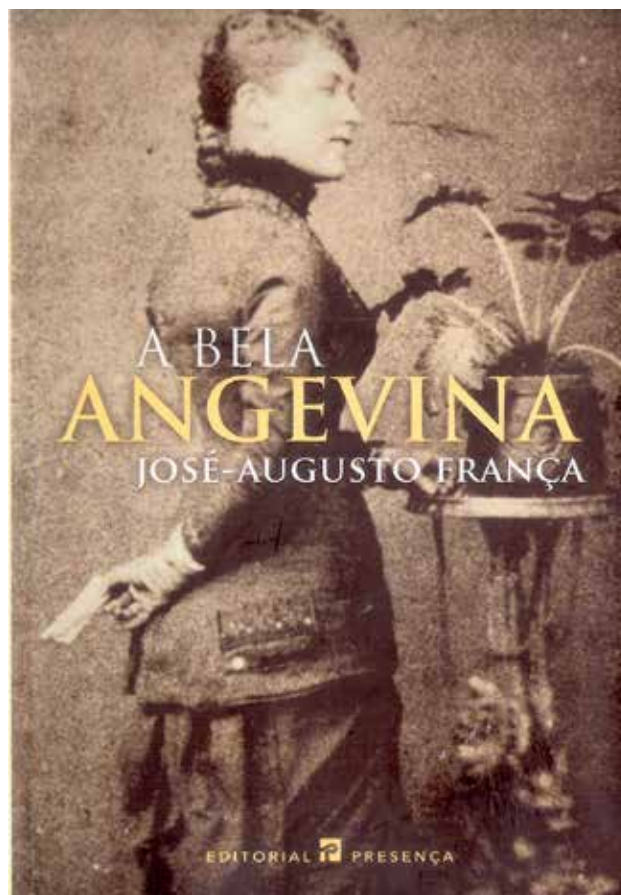
É também na sala VIP que encontramos parte da biblioteca pessoal que ofereceu ao Grémio. Percorremos a extensa listagem de títulos na impossibilidade de consultar a biblioteca. Nela figuram muitos livros sobre arte portuguesa e estrangeira, Lisboa (a sua Lisboa...), ficção estrangeira, de autores portugueses oitocentistas – com destaque para Garrett, Júlio Dinis e Camilo (sempre o Romantismo) – e numerosas obras de Jorge de Sena e de António Pedro (sobre os quais escreveria), e ainda de Eduardo Lourenço. Encontramos igualmente alguns dos seus estudos, por exemplo: *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*, *A Arte Portuguesa de Oitocentos*, *O Modernismo na Arte Portuguesa*, ou *A Arte Portuguesa no Século XX*. Curiosamente, ao contrário do que esperava, existem pouquíssimas publicações sobre Eça de Queirós e, de sua autoria, apenas *A Cidade e as Serras*. Terá querido ficar com Eça perto de si, pensei.

Mas, o romancista está, como vimos, presente desde o início da investigação de José-Augusto França, pelo que decidi ler o seu romance *A Bela Angevina* pensando que seria muito provável nele encontrar referências ao Grémio. Percorri-o com voracidade, levada pelo interesse de uma história irresistível que imagina Eça (Queiroz, no romance) vivendo em Angers uma relação amorosa que lhe serve de inspiração para *Os Maias*, num momento em que a obra já se encontra em gestação. E identifiquei várias e interessantes menções ao Grémio, que em muito ultrapassaram as minhas expectativas.

A Bela Angevina tem origem num pequeno grupo de cartas queirosianas, apenas 20, no qual se incluem cinco enviadas de Dinand, onde Eça passou férias de verão procurando escapar aos rigores do clima britânico de que tantos queixumes, para não dizer lamúrias, nos deixou. A primeira data de Junho de 1878 e as outras quatro

são do ano seguinte. De Angers, Eça escreve em 1879, 1880, 1882 e 1884.

A estas missivas juntam-se quatro fotografias tiradas num reputado estúdio da cidade, onde podemos ver uma jovem mulher muito bela (numa das quais pousando com Eça e o seu irmão Alberto), até hoje não identificada. O que iria Eça fazer a Angers ao longo de cinco anos? Quem era esta mulher? Que tipo de relação existiria entre os dois?



José-Augusto França publicou três das fotografias e um artigo numa revista de Angers, tentando encontrar alguém que lhe fornecesse pistas sobre a identidade da fotografada. Tendo a pesquisa resultado infrutífera, responde ficcionalmente a estas perguntas num romance que nos transporta para a Angers da época minuciosamente estudada rua a rua, casa a casa, monumento a monumento, ao mesmo tempo que

assistimos ao desenrolar da história amorosa de Queiroz, que procura a figura feminina central de *Os Maias* e a mulher ideal para si próprio.

Seguindo rigorosamente a cronologia da produção literária e não literária de Eça nesse intervalo de tempo, utilizando a sua correspondência, acompanhando as deambulações do cônsul português por Dinand, Angers, Bristol, Londres, Lisboa e Paris, o autor, insere no romance citações de cartas e outros textos queirosianos, assim como de *Os Maias*, num interessante entrelaçar de testemunhos reais e acontecimentos fictícios. Quanto à figura feminina, de nome Marie, tem uma filha chamada Rose, dona de uma boneca – Cricri. Queiroz oferecer-lhe-á uma cadelinha branca, Niniche....

E o Grémio?, perguntará o leitor. Um dos romances que Eça publica antes da sua estada em Angers é *O Primo Basílio*, posto à venda em Fevereiro de 1878, como rigorosamente mencionado em *A Bela Angevina*. Ao classificar Basílio “Don Juan do Grémio Literário – que, esse sim, conhecia e praticava, como lugar de leitura de jornais e cavaco, de algum *whist* e charutos, em pleno Chiado centro da capital”, o narrador evoca a passagem queirosiana em que o primo de Luísa lhe escreve, precisamente do Grémio.

Outras alusões, mais interessantes, remetem para a Angers oitocentista. Como na Lisboa da época, também ali existia um círculo de sociabilidade, à inglesa, o Grand Cercle, fundado em 1855. França-romancista e sócio do Grémio Literário não resiste a levar o seu Queiroz fictício a esse clube exclusivo e a fazer do também inventado Monsieur Grasset, que, tendo conhecido o português em Dinand o havia persuadido a visitá-lo em Angers, o Presidente da instituição. Logo à chegada, Queiroz é convidado a almoçar no Grand Cercle, o que se repetirá ao longo do romance, ali conhecendo várias figuras importantes

da vida cultural e política angevinas. É no Cercle que lê os jornais de Paris e Londres. Tal como o Eça real no Grémio, pensamos de imediato.

Também em conversa com Marie sobre o Chiado, Queiroz se refere ao Grémio como o “Grand Cercle Literário”. E as sobreposições Cercle / Grémio; Angers / Lisboa / *Os Maias* repetem-se. Pouco depois, é convidado para a abertura da temporada no teatro de Angers, que descreve, acrescentando: “como em São Carlos”, a que se segue uma pequena recepção no Cercle. Como no Grémio, conclui o leitor.

No início de 1880, Queiroz vem a Portugal, tal como Eça, que aqui permanecerá entre Janeiro e Junho desse ano. Em carta a Marie, descreve o renovado Rossio (para o que o Professor França aproveita o seu pormenorizado conhecimento da cidade). O narrador refere-se então às suas “passagens preguiçosas pelo Grémio Literário a ler os periódicos”, o que nos traz à memória o importante acervo de periódicos que, na época ali existia e cuja consulta é mencionada em textos de Eça e de Jaime Batalha Reis. A Marie, escreve Queiroz: “O Grémio, o que era? Mas era o Grand Cercle de Angers em mais pequeno: uma faixa constitucional à sombra da qual, qual Tityro, ele repousava... *sub tegmine fagi*”, adaptando José-Augusto França a citação do artigo queirosiano sobre Disraeli publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em Julho de 1881, que também transcreve em *O Grémio Literário e a sua História*. O fio de continuidade mantém-se.

E, nesse momento, pensa Queiroz: “Ah, porque não moraria ela no prédio do lado, nesta rua tranquila de S. Francisco? Ele subiria a visitá-la, enviar-lhe-ia flores, brincaria com Rose”. Somos inevitavelmente levados a novo paralelismo com *Os Maias* recordando que Maria Eduarda alugara o 1º andar no prédio da mãe do Cruges, situado nessa mesma rua, a poucas portas do Grémio.

E o narrador acrescenta, como se tivesse medo que o leitor não percebesse que *A Bela Angevina* deve funcionar como uma prequela do romance queirosiano: “Carlos à espera de destino...”.

Ainda em Angers, Queiroz, tal como Eça, escreve *O Mandarin*. Será no Cercle que falará sobre o romance “como se estivesse em Lisboa, pensou ele, a certa altura, com um arrepio”.

No final, Marie casa-se com um homem mais velho tornando-se Marie de Trelain e indo viver perto de Orléans, novamente, como em *Os Maias*.

Dois anos após a publicação do romance, em 4 de Outubro de 2007, José-Augusto França organizou em Angers um colóquio queirosiano, ao mesmo tempo que era inaugurada no edifício do já desaparecido Hotel du Cheval Blanc, onde, segundo registado em algumas das suas cartas, Eça se alojaria, uma lápide comemorativa da estadia do romancista nesse estabelecimento, o mais caro da cidade, também frequentado por Camus e Henry James.

Da bela desconhecida de Angers permanece desconhecida a identidade. Quanto ao Professor França, nomeado Presidente Emérito do Conselho Literário do Grémio em 2016, deixou Lisboa indo viver para uma localidade perto de Angers, Jarzé, onde é escrito o romance.



“José-Augusto França – Liberdade Cor de Homem”, recente documentário exibido na RTP2 em 11 de Novembro de 2020 fornece-nos belas imagens desse espaço campestre e da bonita casa, propriedade de sua mulher, onde se faria fotografar, sentado no jardim, imerso em *Le Monde*. Como Eça, lendo o Figaro no jardim de sua casa da Avenue du Roule, em Neuilly-sur-Seine. Coincidência?





GRÉMIO LITERÁRIO



EDIÇÃO ESPECIAL QUATRO

MENSAGEM DO PRESIDENTE

As palavras, os textos, as obras literárias têm um lugar privilegiado no Grémio Literário.

Na sua fundação estiveram os mais prestigiados escritores e, desde então, muitos são os que abrilhantam com as suas obras, actividades literárias na Biblioteca do Grémio Literário.

A arte das palavras reproduz a realidade e transforma o pensamento em textos, em obras, que perduram no tempo.

O texto literário tem uma função comunicacional, permitindo entender, a partir de um autor, conhecimentos diversos do passado, do presente e repensar o futuro.

O texto poético expressa sentimentos com fins estéticos através de elementos da linguagem verbal numa construção que transcende o real.

O Embaixador Luís Filipe Castro Mendes, Membro do Conselho Literário, Ministro da Cultura entre 2016-2018, escritor e poeta reconhecido e premiado pelos seus pares com o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, inscreve nestas páginas a sua forma poética, revelando a sua identidade pessoal num imaginário marcado pela experiência e vivência do mundo.

A leitura de poemas permite-nos estabelecer um diálogo a sós com as palavras do poeta, interpretando-as com os nossos próprios sentimentos.

A fuga ao momento presente de confinamento é a proposta cultural do Boletim Informativo de Março, que nos leva a sonhar com erudição.

ANTÓNIO PINTO MARQUES

UM PERCURSO EM POESIA

POR

LUÍS FILIPE CASTRO MENDES



É com muito gosto que partilho com os meus consócios do Grémio Literário algumas memórias e exemplos daquilo a que chamo o meu percurso em poesia.

Desde criança que as sonoridades e os sentidos da poesia me atraíram e fascinaram. Querer escrevê-la decorreu simplesmente desse amor, que tanto me motivava, pelas palavras da poesia.

Talvez neste poema, que escrevi há dois anos, quando nasceram as minhas netas

[continua na página 2]

Alexandra e Clara, possa transmitir alguma coisa desse princípio do mundo que a poesia é:

O recém nascido é quem assiste ao princípio do mundo.

Guardam os poetas esse espanto original, essa incompreensão, bravo furor e breve alegria, do que sentem demais ou não chegam a sentir, do que pensam antes de todos: o que não se pode pensar e do que portanto se não deveria falar.

O recém nascido oscila entre o sono da razão e a fúria de estar vivo. O poeta vê os monstros, que em coral se desenham frios e finos e que povoam o fundo de todos os mares.

Algo guardam os poetas, não das crianças, não, mas dos recém nascidos: este puro espanto, que nos faz querer durar entre a raiva de nascer e a alegria de estar vivo.

Assim os melhores nos escrevem do princípio do mundo



A poesia faz-se com palavras, mas a experiência do que vivemos, do que sonhamos, do que lemos, ouvimos ou simplesmente imaginamos sempre encontra alguma maneira de nelas vir ressoar. Eu escrevi uma vez, no meu livro *Lendas da Índia*, que respondia ao mundo com poemas:

Só sei responder à vida com poemas:
e a alternativa é viver a vida
sem dar por ela,

sem lhe responder, fingindo
não lhe dar troco,
esgueirando-me entre as suas voltas

para poder não escrever.

Porque se eu tivesse aprendido alguma coisa,
se eu tivesse mesmo
alguma coisa para dizer,

por certo não responderia à vida com poemas.

E com poemas fui respondendo, melhor ou pior,
ao que a vida me trouxe e às experiências que vivi.
Ao amor, por certo:

Amor, tenho saudades de outra vida
feita só de mil dias transparentes;
não te esqueças de mim se vires perdida
cada voz nas palavras mais ausentes.

Porque é perto da morte que escrevemos,
cada verso contém uma ameaça
e a ternura maior que nos dizemos
é feita de penumbra fria e baça.

Se a voz se dá no verso e na medida,
é medo, meu amor, mais que vontade:
o verso nada pode contra a vida;
sabê-lo é a nossa liberdade.

É medo que nos versos esconjuro,
como riso vibrando no escuro.



Um amor que pode ser partilhado numa simples cami-
nhada matinal:

Quem me disse que andar nas manhãs claras
dá ritmo ao verso e ar ao coração?
Quem dorme na pérola da água mais rara
e aguça o silêncio para dizer que não?



Mas também a nossa vida como seres sociais, ou *ani-
mais políticos*, no dizer de Aristóteles, pode fazer ecoar
nos versos experiências como esta da crise económica-
financeira que atravessámos entre 2008 e 2015:

Nós vivemos da misericórdia dos mercados.
Não fazemos falta.
O capital regula-se a si próprio e as leis
são meras consequências lógicas dessa
regulação,
tão sublime que algumas vêem nelas o dedo de
Deus.
Enganam-se.
Os mercados são simultaneamente o criador e
a própria criação
Nós é que não fazemos falta.

Ou mesmo esta estranha forma de vida em pandemia
que agora habitamos:

A noite e o dia podem confundir-se.
A luz que vem de fora não ilumina
e o escuro que está lá fora nada explica.
Os vivos vestem-se como se fossem para junto
da morte,
sem sequer poder com ela jogar xadrez.
Uma sala de espera num consultório médico,
a isto se limita hoje a nossa experiência.
Por isso é tão importante dizer “uma rosa”,
invocar a flor azul, a ausente de todos os ramos
e encontrar abertas no poema as lojas de flores
com os ramos feitos à pressa, mal acabados os
caules de cortar.



Há sempre muita coisa por detrás de um poema.
Mas frente ao poema está o seu leitor. E é em cada
leitor que o poema vai encontrar o seu eco, a sua res-
sonância e o seu destino. Porque, como dizia Agustina
Bessa-Luís, *cada voz está só e única e é contra o coração dos
outros que vertiginosamente ela ressoa.*

Agradeço pois ao Grémio Literário a oportunidade
que me deu de levar a minha voz a todos os que qui-
seram aqui ler estes poemas.



GRÉMIO LITERÁRIO

Deseja a todos os consócios
e familiares uma

FELIZ
PÁSCOA



GRÉMIO LITERÁRIO



EDIÇÃO ESPECIAL CINCO

MENSAGEM DO PRESIDENTE

A música é a expressão artística que dentro das Artes provoca um maior sentimento de conforto, de prazer, e de elevação estética.

Desde tempos remotos se fez música em espaços privilegiados em reunião social restrita, em cenários de grande beleza, intimistas, servindo a música para distração e enlevo da assistência.

Este conforto, este prazer, tem tido também um lugar de relevo no Grémio Literário, que desde a sua fundação ministrou cursos com os melhores professores, trazendo também ao Grémio Literário grandes artistas, praticando-se e ouvindo-se o melhor da boa música em eventos musicais célebres no contexto musical português.

O Musicólogo Rui Vieira Nery, Membro do Conselho Literário, comenta esses eventos musicais do ponto de vista histórico e de crítica musical, chamando-nos a atenção para os momentos únicos que tiveram lugar num tempo passado e que merecem ser referidos hoje para nosso contentamento.

Permitam-me, no entanto, salientar as excelentes actuações que nos foram proporcionadas pelos “Pequenos Cantores do Grémio Literário”, na década 80 e, mais recentemente, as animadas contribuições dos Lisbon Swingers Big Band que têm abrilhantado, anualmente, a celebração das noites populares, no jardim do Grémio Literário.

A Cultura é abrangente no Grémio Literário concorrendo para o nosso “aperfeiçoamento moral” in Carta Régia de D Maria II em 1846 e hoje aperfeiçoamento musical.

ANTÓNIO PINTO MARQUES

UMA CASA DE MÚSICA

POR
RUI VIEIRA NERY

Está por fazer a história da Música no Grémio Literário. Talvez isso se deva, contraditoriamente, ao facto ela ter sido sempre uma componente tão constante do quotidiano do Grémio que a tomamos por garantida, como se a esperássemos à partida e não nos pareça, por isso, necessário destacar especialmente a sua presença no seio do mosaico constante de iniciativas com que nos acolhe esta nossa Casa. Talvez, também, porque os eventos musicais no Grémio, como é timbre de toda a sua actividade, decorram, por definição, longe da visibilidade mediática, no espaço íntimo do círculo dos seus associados, como parte de uma vivência cultural intensa mas discreta, que vai fluindo naturalmente, por si só, ao longo dos anos, envolvendo sempre novos artistas, novos programas, novas propostas de ligação entre a Música, as demais Artes, a Literatura e a própria História geral.

[continua na página 2]



Sessão de homenagem a Vianna da Motta por ocasião dos 150 anos do seu nascimento. Palestra por Elvira Archer e concerto por João Costa Ferreira. À direita, José Brandão, neto do homenageado, discursando. Fevereiro 2019.

Dizia António José Saraiva, a propósito dos primeiros estudos de fundo sobre a Inquisição Portuguesa, dos quais foi um dos grandes pioneiros, que, face à escala gigantesca da documentação existente e à impossibilidade do seu tratamento sistemático num horizonte temporal previsível, a única solução para o historiador era aquilo a que chamava “pesca à linha” – ir recolhendo, a título exemplificativo, um corpus de fontes escolhidas um pouco ao acaso, e esperando que a partir desse levantamento, inevitavelmente aleatório, se pudesse ir construindo um modelo de interpretação histórica inicial que depois fosse guiando uma investigação mais aprofundada, ao mesmo tempo que ia sendo constantemente refeito a partir desta. Escusado será dizer que não faria qualquer sentido comparar as trevas persecutórias inquisitoriais do Santo Ofício com a luminosidade pacata do espaço de sociabilidade culta e convivial que foi sempre o do Grémio, e que a própria massa crítica de documentação de ambos não é, também ela, comparável. Mas à escala própria do nosso tema o desafio não é muito diferente: na falta de um tratamento organizado de um conjunto apesar de tudo considerável de fontes, qualquer primeira tentativa de historiar a presença da Música no historial Grémio Literário só pode pegar, sem grande rigor, em documentos dispersos e tomá-los como indicadores de possíveis metas de investigação para o futuro.

Uma primeira etapa importante, para uma visão mais abrangente e mais metódica, seria a identificação dos músicos que ao longo das décadas foram sendo sócios. Um pouco ao acaso, deparam-se-nos, desde o acto fundador de 1846, alguns nomes especialmente

relevantes na História da Música portuguesa dos séculos XIX e XX: João Guilherme Daddi (1813-1887), o pianista virtuose que Liszt escolheu para tocar com ele a dois pianos no grande recital que deu no Teatro de São Carlos quando da sua visita a Lisboa, em 1845; Artur Napoleão (1843-1895), o menino prodígio aclamado em toda a Europa que se estabeleceria depois no Rio de Janeiro como concertista e como editor musical, com um papel decisivo no desenvolvimento da Música erudita no Brasil; Augusto Machado (1845-1924), um dos grandes pioneiros da Ópera portuguesa e futuro Director do Conservatório, que terá servido de modelo ao personagem queirosiano do Cruges, de “Os Maias”; José Vianna da Motta (1868-1948), reconhecido como um dos mais notáveis pianistas mundiais do seu tempo e a maior força de renovação da nossa vida musical no seu tempo em todos os campos, da composição ao associativismo e ao ensino; Óscar da Silva (1870-1958), discípulo ainda de Clara Schumann e paradigma do Romantismo final na Música Portuguesa; ou ainda Fernando Lopes Graça (1906-1994), Mestre absoluto do



Pequenos Cantores do Grémio Literário.



A pianista Luisa Tender na sessão comemorativa do aniversário dos 175 anos do nascimento de Eça Queiroz. 25 de Novembro de 2020.

nosso Modernismo musical e figura emblemática do empenhamento cívico das Artes e da Cultura.

Momentos houve em que a dimensão estrita da oferta artística imediata aos sócios se revestiu de uma relevância absoluta no plano nacional. Foi o que sucedeu quando, entre Janeiro e Março de 1915, o violinista Júlio Cardona (1879-1950) e o pianista e compositor Alexandre Rey Colaço (1854-1928) deram no Grémio, numa série de recitais, a primeira audição integral em Portugal das sonatas para piano e violino de Beethoven. Não é de excluir que tenha havido outros, porventura de significado comparável, num circuito concertístico tão frágil como o era então da capital, antes da constituição da Sociedade de Concertos de Lisboa e do Círculo de Cultura Musical, ou, por maioria de razão, do estabelecimento da Fundação Calouste Gulbenkian, como espaços de apresentação profissional regular da Música de Câmara no nosso País.

Estamos longe, como dizia atrás, de ter procedido a um levantamento exaustivo dos programas dos recitais que aqui se foram sucedendo, mas da consulta avulsa das últimas décadas se constata que passaram pelo Grémio muitos dos nossos músicos mais destacados. Por aqui passaram, designadamente, as vozes de Elsa Saque, Elisabete Matos, Elvira Ferreira, Ana Ester Neves, Elvira Archer, Carlos Guilherme ou Álvaro Malta, e os pianistas Jorge Moyano, Adriano Jordão, António Rosado, Gabriela Canavilhas, João Paulo Santos, Luísa Tender, ou os novíssimos Vasco Dantas ou João Costa Ferreira. Todos eles são unânimes em referir a sua passagem pelo Grémio Literário, não só, em alguns casos, como

um elemento de prestígio importante para a fase de consolidação das suas carreiras, como sobretudo como uma oportunidade de actuarem perante um público culto e caloroso, num ambiente de intimidade e de partilha próxima impossível de recriar numa grande sala de concertos.

Frequentemente, a Música no Grémio esteve associada à evocação de temas extra-musicais, como uma espécie de banda sonora para se falar, na sua globalidade, dos ideais do Romantismo ou do Modernismo na Literatura e nas Artes, ou do universo estético de Eça ou de Camilo. Outras vezes celebraram-se efemérides especificamente musicais, como os bicentenários de Wagner e Verdi, ou o centenário de Richard Strauss. E neste contexto é da mais elementar justiça evocar aqui o papel fundamental que desempenharam, na concepção de muitas dessas iniciativas, alguns dos nossos associados mais ligados à Música, como Manuel Ivo Cruz, João Paes ou Luís dos Santos Ferro.

Valeria a pena, sem dúvida, estudar com mais detalhe e mais rigor este lugar que a Música sempre ocupou na actividade do Grémio Literário, e estou convencido de que desse olhar aprofundado poderão vir à tona novos dados relevantes para o conhecimento de aspectos desconhecidos da vivência musical lisboeta, no seu todo, e da própria interacção estreita dessa vivência com o panorama de conjunto do *habitus* cultural das elites portuguesas. Mas o que salta à vista, logo desde um primeiro olhar, ainda disperso, sobre os inúmeros testemunhos documentais disponíveis, é que o Grémio – casa prestigiada de Cultura, por definição – foi também, desde sempre, e continua a sê-lo, uma casa de Música.



Lisbon Swingers Big Band no jardim do Grémio Literário.



ADMISSÕES

Foi recentemente admitido o seguinte Sócio: DR. MANUEL DA FONSECA LEITÃO

CONSIGNAÇÃO DE UMA QUOTA DE IRS A FAVOR DO GRÉMIO LITERÁRIO

Relembrando o apelo formulado no Boletim Mensal de Fevereiro solicitamos aos prezados Consócios a atribuição a favor do Grémio Literário da referida quota de IRS. Bastará para o efeito, na referida declaração, seleccionar no campo “Entidade Beneficiária” a opção “Instituições particulares de solidariedade social ou pessoas colectivas de utilidade pública” e no campo “NIF Entidade Beneficiária”, colocar o NIF do Grémio Literário: 500 130 779.

Se a sua situação tributária necessitar apenas de confirmação na modalidade chamada “IRS Automático” a consignação é efectuada na zona “Pré-liquidação”, conforme se indica:

Consignação

Indique se pretende consignar

0,5% IRS

15% do IVA Suportado

Entidade Beneficiária

Instituições particulares de solidaried ↓

NIF Entidade Beneficiária

500130779

[Lista de entidades beneficiárias](#)

Nos casos em que a situação tributária exigir o preenchimento da declaração modelo 3 de IRS a consignação é efectuada no campo II da folha de rosto, conforme se indica:

11 Consignação de 0,5% do IRS / Consignação do Benefício Suportado

Entidades Beneficiárias

Instituições religiosas (art.º 32.º, n.º 4, da Lei n.º 16/2001)

Instituições particulares de solidariedade social ou pesso (art.º 32.º, n.º 6, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)

Pessoas coletivas de utilidade pública de fins ambientais: 15/98, de 18 de julho)

Instituições culturais com estatuto de utilidade pública (a

NIF IRS IVA

500130779

